

Obsessão, processo de cura de casos graves



Paulo Neto

Obsessão, processo de cura de casos graves

(Versão 12)

*“Senhor, compadece-te de meu filho,
porque é lunático e sofre muito; pois
muitas vezes cai no fogo e outras
muitas, na água.” (Mateus 17,15)*

Paulo Neto

Copyright 2020 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://albertomacorano.com.br/wp-content/uploads/2018/01/obsessores-346x357.png>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, jun/2020.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Importantes explicações na Codificação Espírita.....	12
Cura de obsessão - 1º caso.....	27
Cura de obsessão - 2º caso.....	39
Conclusão.....	59
Referências bibliográficas.....	61
Dados biográficos do autor.....	64

Prefácio

Tenho a honra, mais uma vez, de escrever o prefácio de um livro do amigo Paulo Neto, cujas qualidades como escritor e pesquisador espírita são amplamente conhecidas do movimento espírita brasileiro.

Desta feita, o estudioso se debruçou sobre um tema do mais alto interesse para os dirigentes e trabalhadores das casas espíritas, qual seja, os procedimentos que deveriam ser adotados nas reuniões de desobsessão, promovidas pelas aludidas instituições, para cura dos casos graves de obsessão.

A partir de abalizada pesquisa acerca dos casos de cura de obsessões, narrados na *Revista Espírita*, especialmente os ocorridos em Marmande, e dos comentários tecidos pelo codificador nesta e nas demais obras espíritas, o autor demonstra, de forma inequívoca, que os procedimentos que deveriam ser observados por todos nós nas instituições espíritas para cura das obsessões,

devido a sua comprovada eficácia, são a evocação do obsessor, a prece em favor dos envolvidos e a aplicação de passes na vítima.

Ademais, as explicações e comentários de Allan Kardec, transcritos ao longo desta obra, não deixam dúvidas quanto a mudança de posição do codificador a respeito da posse física do encarnado, tema ainda desconhecido de boa parte dos espíritas.

Para finalizar, não podemos deixar de mencionar a contribuição deste trabalho no sentido de esclarecer a celeuma envolvendo a questão da evocação dos espíritos, cuja prática Allan Kardec não só aprovava, como também adotava nas reuniões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, mas que, infelizmente, foi banida pelo movimento espírita brasileiro.

Augusto César Silva Santos

15/07/2022

Introdução

Trazemos a seguinte passagem do Novo Testamento, cujo teor à primeira vista parecerá não ter nenhuma relação com o tema; porém, na exegese de estudiosos bíblicos teremos informações que, certamente, nos ajudarão a compreender uma das crenças no cristianismo primitivo.

Lucas 8,26-31: *“Jesus e os discípulos desembarcaram na região dos gerasenos, que está diante da Galileia. Ao descer à terra, um homem da cidade foi ao encontro de Jesus. Era **possuído por demônios**, e há muito tempo ele não se vestia, nem morava em casa, mas nos túmulos.*

Vendo Jesus, o homem começou a gritar, caiu aos pés dele, e falou com voz forte: 'Que há entre mim e ti, Jesus, Filho do Deus Altíssimo?



Eu te peço, não me atormentes! O homem falou assim, porque Jesus tinha mandado que o **Espírito mau** saísse dele. De fato, muitas vezes o Espírito tinha tomado posse dele. Para protegê-lo, o prendiam com correntes e algemas; ele, porém, arrebatava as correntes, e o **demônio** o levava para lugares desertos. Então Jesus lhe perguntou: 'Qual é o seu nome?' Ele respondeu: 'Meu nome é Legião.' Pois muitos **demônios** tinham entrado nele. Os demônios pediam que Jesus não os mandasse para o abismo.”
(¹) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Observar que ao serem usadas as designações “*Espírito mau*” e “*demônios*”, num mesmo contexto, significa que elas são sinônimas, ou seja, ambas expressam a mesma coisa.

Em Marcos 5,1-5, passagem correspondente, é usada a expressão “*um espírito mau*”, para designar o ser que possuía aquele homem. Russell Norman Champlin (1933-2018), em **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**, explicando o versículo 2, que cita “*um espírito mau*”, estabelece relação com o termo “*demônios*”, sobre

os quais nos informa:

Esse vocábulo era empregado, no grego clássico, ocasionalmente como sinônimo do termo “theos”, “deus”. Assim usou Homero (século IX A.C.). Por outros autores, entretanto, a palavra foi utilizada para indicar certas divindades subordinadas, que inocentavam os deuses maiores da prática de muitas maldades; e é provável que por causa dessa mesma circunstância é que a palavra eventualmente passou a significar alguma entidade sobrenatural cujo propósito é o de praticar a maldade. **Esse termo também tem sido usado para referir-se às almas dos homens que, por ocasião da morte, são elevados a determinados privilégios, e, posteriormente, passou a indicar os espíritos humanos em geral, partidos deste mundo.** Gradualmente esse vocábulo **foi-se limitando aos espíritos malignos em geral**, exclusivamente, sem qualquer definição sobre a origem ou natureza desses espíritos.

Do princípio ao fim as Escrituras comprovam a realidade do mundo dos espíritos, que tanto podem ser maus quanto bons. Os espíritos, tanto os bons quanto os maus, são apresentados como extremamente numerosos (ver Efé 1;21; 6;12; Col. 1;16 e Marc. 5;9). **Os espíritos malignos têm influência sobre os homens, e procuram ocupar os seus corpos** (ver Marc. 5;8 e Mat 12;43,44). São imundos (o que significa que tornam o indivíduo incapaz de entrar em contato com Deus, com o culto ao Senhor e com a adoração). [...].

Era ponto teológico comum, entre os judeus (sendo ensinado nas escolas teológicas judaicas dos fariseus e de outros), que **os demônios, capazes de possuir e de controlar um corpo vivo, são espíritos de mortos partidos deste mundo**, especialmente aqueles de caráter vil e de natureza perversa. (Ver Josefo, *de Bello Jud.* VII. 6.3). [...]. ⁽²⁾ (itálico do original)

Dos comentários de Russell N. Champlin a respeito de Atos 12,15, constante de **O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo - Vol. 3**, tomaremos o seguinte trecho:

[...] por toda a parte abundam histórias de **fantasmas**, e muitos céticos negam tudo. Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. **Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.**

Essa ideia era forte na igreja cristã, até o século V d.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como **Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes**, os quais também acreditavam na possibilidade do retorno e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, como o

propósito de realizarem ou continuarem suas missões. (ver esta doutrina em Mat. 16:14). **Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas.** É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. **Sabemos pouquíssimo sobre o mundo intermediário dos espíritos** e supomos que o estado “eterno” já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim. ⁽³⁾

Da obra ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5***, de autoria de Russel N. Champlin e de João Marques Bentes, destacaremos mais esta informação que completa a transcrição anterior:

[...] visto não haver informação exata, no N. T., sobre a origem dos demônios, é impossível afirmar-se a natureza exata da possessão demoníaca. **Josefo (de Belo Jud. VII.6,3) pensava que os demônios eram os espíritos dos homens maus, que depois da morte voltariam a este mundo, e essa ideia era comum entre os antigos, incluindo os gregos.** Também foi ideia de alguns dos pais da Igreja,

como Justino (cerca de 150 d.C.) e Atenágoras. **Tertuliano foi o primeiro a mudar de ideia na igreja, aceitando que os demônios são anjos caídos, e não espíritos humanos.** Finalmente, **Crisóstomo (407 d.C.) rejeitou a ideia de que os demônios são espíritos humanos, e a igreja aceitou que os demônios são outros espíritos, talvez pertencentes à ordem dos anjos.** Mas até hoje **existem estudiosos que acreditam que, pelo menos, *alguns* demônios possam ser espíritos humanos.** Lange, por exemplo, acreditava que talvez os demônios fossem espíritos de pessoas que já morreram, e que agora fazem parte da ordem dos anjos caídos. ⁽⁴⁾ (itálico do original)

Todas essas informações que dão conta de que os demônios nada mais eram que Espíritos humanos maus, acima comprovam a existência da influência funesta deles desde os tempos mais remotos.

O relato bíblico, por sua vez, evidência a gravidade de certos casos de possessão. Na situação ali relatada, o possesso, certamente, era visto como uma pessoa que perdera o juízo, ou seja, louco de pedra como se diz popularmente.

Importantes explicações na Codificação Espírita

Algumas vezes, em nossas palestras citamos a *Revista Espírita* só para ver “a cara de espanto” de boa parte dos presentes, pois muitos nunca ouviram falar dela, embora Allan Kardec (1804-1869) tenha recomendado a sua leitura, inclusive, dizendo que o que nela consta completa as duas obras já publicadas, quais sejam, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* (5).

Com muita tristeza vemos que, no meio espírita, a *Revista Espírita* não é estudada como sugerido por Allan Kardec. Em nossas leituras temos encontrado nela coisas bem interessantes, que nos dão a prova de que devemos lê-la sim, ainda que não façamos isso na ordem sugerida pelo Codificador.

Foi na *Revista Espírita*, mês de dezembro de 1863, no artigo “Um caso de possessão – Srta. Julie”, que percebemos que o Mestre de Lyon havia mudado

de ideia quanto a existência da possessão física, que em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* os Espíritos disseram não ocorrer.

Em ***Na Hora do Testemunho***, José Herculano Pires (1914-1979), orienta-nos dizendo que:

[...] **Precisamos** de estudar Kardec intensamente, de assimilar os ensinamentos das obras básicas, de **mergulhar nas páginas de ouro da “Revista Espírita”, não apenas lendo-as, mas meditando-as, aprofundando-as, redescobrimo nelas todo o tesouro de experiências**, exemplos, ensinamentos e moralidade que Kardec nos deixou. [...].
(⁶)

Bem clara a visão de Herculano Pires a respeito da necessidade de estudar a *Revista Espírita*.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de janeiro, Allan Kardec ao narrar o caso grave de obsessão de uma jovem de Marmande, um dos que mais à frente mencionaremos, dá uma explicação que só vimos constar da *Revista Espírita*, pelo menos da forma como ele explicou:

Se se perguntasse por que Deus permite que

Espíritos maus saciem sua raiva nos inocentes, diremos que **não há sofrimento imerecido, e aquele que hoje é inocente e sofre, por certo ainda tem alguma dívida a pagar**. Esses Espíritos maus servem, neste caso, de instrumento à expiação. Além disso, sua malevolência é uma provação para a paciência, a resignação e a caridade. (7)

Aqui temos o motivo pelo qual Deus permite a ação dos Espíritos maus sobre nós.

Em seus argumentos publicados na **Revista Espírita 1865**, mês de outubro, o Codificador, deixou bem claro que:

A influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos dos quais o homem é alvo neste mundo, como as enfermidades e os acidentes de todas as espécies, porque está sobre uma Terra de expiação e de prova, onde deve trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual; mas, ao lado do mal. [...]. (8)

Se *“a influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos dos quais o homem é alvo”*, então, podemos concluir que a esmagadora maioria dos habitantes da Terra pode sofrê-la. Exceção apenas

aos Espíritos evoluídos moralmente que, por missão, aqui encarnam para prestar ajuda aos retardatários desse planeta de provas e expiações.

Diante disso, podemos, dizer com absoluta segurança, que aprenderemos muito com a leitura da coleção da *Revista Espírita*.

No cap. XXVIII – Coletâneas de preces espíritas de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, há dois itens que merecem ser citados pela relação com nosso tema:

1º) Para afastar os Espíritos maus, item 16:

PREFÁCIO. Os Espíritos maus somente procuram lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. **Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como limpais o corpo, para evitar a contaminação pelos vermes, também deveis limpar a alma de suas impurezas, para evitar os Espíritos maus.** Vivendo num mundo em que estes pululam, nem sempre as boas qualidades do coração nos põem a salvo de suas tentativas, embora nos deem a força para lhes resistirmos. (º)

Cabe a todos nós não alimentar vícios que certamente atrairão Espíritos maus, como resultado da lei “*O semelhante atrai o semelhante*” (10).

2º) Pelos obsidiados, item 84 – Prece pelo Espírito obsessor:

Observação – **A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento.** Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, pois há os rebeldes em grau extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, uma coisa é certa: nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. **Outra verdade, igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.** A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos. (Veja-se *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. XXIII, Obsessão; *Revista Espírita*, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões.) (11)

Percebe-se que a cura das obsessões graves, na maioria das vezes, é um processo demorado, ou seja, não acontece de um dia para o outro, em razão disso *“requer muita paciência, perseverança e devotamento”*, uma vez que a experiência comprou *“a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais”*.

Em **A Gênese**, cap. XIV – Os fluidos, tópico “Obsessões e possessões”, item 45:

45. **Os Espíritos maus** pululam em torno da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. **A ação malfazeja desses Espíritos faz parte dos flagelos com que a humanidade se debate** neste mundo. **A obsessão, que é um efeito dessa ação**, como as doenças e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada uma prova ou expiação e aceita como tal.

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta características muito diferentes, que vão desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, **até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.** [...]. ⁽¹²⁾

E quanto à influência que dá causa à perturbação das faculdades mentais, em item mais à frente, nesse mesmo capítulo, lemos:

48. [...].

Quando o Espírito possessor é mau, as coisas se passam de outro modo. Ele não toma moderadamente o corpo do encarnado, antes se apodera dele, se este, que é o titular, não possui bastante *força moral para lhe resistir*. E o faz por maldade para com este, **a quem tortura e martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar exterminá-lo, seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou a outros lugares perigosos.** Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata os que o cercam; **entrega-se a excentricidades e a atos que apresentam todas as características da loucura furiosa.**

Os fatos deste gênero, posto que em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e **muitos casos de loucura não resultam de outra causa.** Com frequência a eles se juntam desordens patológicas, que são meras consequências e contra as quais nada adiantam os tratamentos médicos, enquanto subsiste a causa originária. O Espiritismo, dando a conhecer essa fonte de onde provém uma parte das misérias humanas, indica o remédio a ser aplicado: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado por meio da inteligência. ⁽¹³⁾

(itálico do original)

E em outras obras temos:

1ª) **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIII – Obsessão, tópico “Meios de combater a obsessão”, item 254, das respostas dos Espíritos, ressaltamos:

6. A subjugação corpórea, chegada a certo grau, poderá levar à loucura?

“Sim, a uma espécie de loucura cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura comum. Entre os que são tidos por loucos, muitos são apenas subjugados. Precisariam de um tratamento moral, e não de tratamentos corpóreos, pois que com estes os tornamos verdadeiros loucos. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.” (Item 221.) ⁽¹⁴⁾ (itálico do original)

2ª) **O Que é o Espiritismo:**

a) Capítulo I – Pequena conferência espírita, Tópico “Loucura, suicídio e obsessão”:

Não confundamos a loucura patológica com a obsessão; esta não provém de lesão alguma

cerebral, mas **da subjugação que Espíritos malévolos exercem sobre certos indivíduos**, e que, muitas vezes, **têm as aparências da loucura** propriamente dita. **Esta afecção, muito frequente**, é independente de qualquer crença no Espiritismo e existiu em todos os tempos. Neste caso, a medicação comum é impotente e mesmo prejudicial. ⁽¹⁵⁾ (itálico do original)

b) Capítulo II - Noções elementares de Espiritismo, tópico “Escolhos da mediunidade”:

73. A **subjugação obsessional**, designada **outrora sob o nome de possessão**, é um constrangimento físico exercido sempre por Espíritos da pior espécie e que pode ir à neutralização do livre-arbítrio do paciente. Ela se limita, muitas vezes, a simples impressões desagradáveis; porém, muitas vezes provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras injuriosas ou incoerentes, de que o subjugado, às vezes, compreende o ridículo, mas não pode abster-se. **Este estado difere essencialmente da loucura patológica com que erradamente a confundem, pois na possessão não há lesão orgânica alguma**; sendo diversa a causa, outros devem ser também os meios de curá-la.

[...].

74. **Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interna; importa restituir o organismo ao**

seu estado normal; na subjugação, essa causa é externa, e tem-se necessidade de libertar o doente de um inimigo invisível, não lhe opondo remédios materiais, porém uma força moral superior à dele. A experiência prova que nunca, em tal caso, os exorcismos produziram resultado satisfatório: antes agravaram que minoraram a situação. Indicando a verdadeira fonte do mal, **só o Espiritismo pode dar os meios de combatê-lo, fazendo a educação moral do Espírito obsessor**; por conselhos prudentemente dirigidos, chega-se a torná-lo melhor e a fazê-lo renunciar voluntariamente à atormentação do enfermo, que então fica livre. [...]. ⁽¹⁶⁾ (itálico do original)

Portanto, em alguns casos de obsessão o paciente, por não ter força moral, pode agir, pela influência do obsessor, como se louco fosse.

Por outro lado, a ação de Espíritos maus e vingativos sobre os encarnados pode engendrar também uma situação grave, tal como doenças e até mesmo o suicídio.

Na **Revista Espírita 1862**, mês de abril, no tópico “Conversas familiares de além-túmulo”, Allan Kardec, em nota, comenta o diálogo com o Espírito Girard de Codemberg explicando:

Nossos guias, consultados sobre a identidade do Espírito, nos respondeu: “Sim, meus amigos, ele sofre de ver o mal que causa a doutrina errônea que publicou; mas já tinha expiado, sobre a Terra, esse erro, porque estava obsidiado, e **a doença da qual morreu foi o fruto da obsessão.**”
(¹⁷)

De **O Céu e Inferno**, 2ª Parte, cap. V – Suicidas, temos o registro do caso de Antoine Bell. Evocado em Paris em 17/04/1865, ele atribui o seu suicídio a influência do obsessor. Vejamos este trecho de uma de suas respostas:

“[...] Fascinado por esse demônio obsessor, **deixei-me arrastar ao suicídio.** Sou muito culpado, é verdade, porém menos do que se o tivesse deliberado por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, **incapazes por sua fraqueza de resistir aos Espíritos obsessores**, são menos culpados e menos punidos do que os que tiram a vida por efeito exclusivo da própria vontade. [...].
(¹⁸)

Na sequência, lemos:

6. AO GUIA DO MÉDIUM – **Um Espírito obsessor pode, realmente, levar o obsidiado ao suicídio?** – R. **Certamente, pois a obsessão,**

que por si mesma já é um gênero de provação, pode manifestar-se de todas as formas. Mas isto não quer dizer isenção de culpabilidade. O homem dispõe sempre do seu livre-arbítrio e, por conseguinte, é livre para ceder ou resistir às sugestões a que o submetem. **Quando sucumbe, o faz sempre por assentimento da sua vontade.** [...]. ⁽¹⁹⁾ (caixa alta e itálico do original)

Outro caso registrado, vamos encontrá-lo na **Revista Espírita 1869**, mês de janeiro, no artigo “Suicídio por obsessão”, onde lemos:

Leu-se no Droit.

“O senhor Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Ponts, **percebeu ontem um jovem que, depois de ter errado durante algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se precipitou no Marne.** Logo dirigiu-se em seu socorro, e, ao cabo de sete minutos ele o traz de novo. Mas já a asfixia era completa, e todas as tentativas feitas para reanimar este infortunado foram infrutíferas.

“**Uma carta encontrada com ele** fê-lo reconhecer pelo senhor Paul D..., com a idade de 22 anos, morando na rua Sedaine, em Paris. Essa carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por abandoná-lo e **lhe dizia que desde os dois anos era dominado por uma ideia terrível, por um**

irresistível desejo de se destruir. Parecia-lhe, acrescentava, **ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem descanso**, e, apesar de todos os seus esforços, não podia se impedir de ir para ela. Encontrou-se igualmente num bolso de paletó uma corda nova na qual tinha feito um nó cortante. O corpo, depois do exame médico-legal, foi entregue à família.”

A obsessão é aqui bem evidente, e o que não o é menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova que este mal não é inerente à crença. Mas se o Espiritismo não está por nada no fato, só ele pode lhe dar a explicação. Eis a instrução dada a este respeito por um de nossos Espíritos habituais e da qual ressalta que, **apesar do arrastamento ao qual esse jovem se deu para a sua infelicidade, ele não sucumbiu à fatalidade**; tinha o seu livre arbítrio, e, com mais vontade, poderia resistir. Se fosse Espírita, teria compreendido que **a voz que o solicitava não poderia ser senão a de um mau Espírito**, e as consequência terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris, grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868,
Médium, Sr. Nivard.)

A voz dizia: Vem! vem! mas teria sido ineficaz, essa voz do tentador, se a ação direta do Espírito não se fizesse sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Porquê? **Seu passado era causa da situação dolorosa em que se encontrava**; ele desejava a vida e temia a morte; mas, nesse apelo incessante que ouvia, encontrou, direi eu, a força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Ele superou

seus medos, porque esperava no fim encontrar, do outro lado da vida, o repouso que este lado lhe recusava. Enganou-se: o repouso não veio. As trevas o cercaram, sua consciência lhe desaprova seu ato de fraqueza, e **o Espírito que o arrastou ri ao seu redor, e o criva de uma ironia constante**. O cego não o vê, mas ouve a voz que lhe repete: Vem! vem! e depois zomba de suas torturas.

A causa deste fato de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi levado ao suicídio por aquele que acaba de fazer cair no abismo. Foi sua mulher numa existência precedente, e ela havia sofrido consideravelmente do deboche e das brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar a situação que lhe era feita, com resignação e coragem, pediu à morte um refúgio contra seus males. Ela se vingou depois; sabeis como. Mas, no entanto, **o ato desse infeliz não era fatal; ele tinha aceito os riscos da tentação**; ela era necessária para seu adiantamento, porque, só ela poderia fazer desaparecer a mancha que tinha sujado sua existência precedente. Disto tinha aceito os riscos com a esperança de ser o mais forte, enganou-se: ele sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Pedi a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tem tanta necessidade, a coragem e a força para que não falhe nas provas que terá que suportar mais tarde.

Louis NIVARD. (20)

Portanto, não há que duvidar da possibilidade de um Espírito “arrastar” um desafeto ao suicídio, esse é um típico caso de obsessão grave.

Definido o que seja obsessão e alertado sobre a sua gravidade, vejamos, nos próximos capítulos, os casos de cura de obsessão ocorridos em Marmande, registrados na *Revista Espírita* que merecem destaque.

Cura de obsessão - 1º caso

Vamos encontrá-lo na *Revista Espírita 1864*, mês de fevereiro, onde Allan Kardec registra uma correspondência do Sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, cuja mentora espiritual era a Pequena Cárita. Transcrevemos o parágrafo inicial dessa missiva:

“Com o auxílio dos Espíritos bons, em cinco dias livramos de uma obsessão muito violenta e perigosa, uma mocinha de treze anos, em completo poder de um Espírito mau, desde 8 de maio último. Diariamente, às cinco horas da tarde, sem falhar um só dia, ela tinha crises terríveis, de causar piedade. Essa menina reside num bairro afastado e os pais, que consideravam a doença como epilepsia, nem mesmo falavam do caso. Todavia, um dos nossos, que mora nas vizinhanças, foi informado e uma observação mais atenta dos fatos o levou a reconhecer facilmente a verdadeira causa. Seguindo o conselho de nossos guias espirituais, imediatamente nos pusemos à obra. A 11 deste mês, às oito horas da noite, começaram nossas reuniões com vistas a evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e

exercer sobre esta **uma magnetização mental**. As reuniões ocorriam todas as noites e na sexta-feira, 15, a menina sofreu a última crise. Não lhe resta mais senão a fraqueza da convalescença, consequência de tão longas e tão violentas convulsões, e que se manifesta pela tristeza, pela languidez e pelas lágrimas, como nos havia sido anunciado. **Éramos informados diariamente, pelas comunicações dos Espíritos bons, das diversas fases da moléstia.**" (21)

Merece destaque o objetivo da reunião: *“evocar o Espírito, moralizá-lo, orar pelo obsessor e pela vítima e exercer sobre esta uma magnetização mental”*.

Um fato interessante é que encontramos em nosso meio confrades que são totalmente contra a evocação de Espíritos, ainda que tenhamos em vista moralizá-los.

Em nossa opinião a consulta aos guias espirituais, seja o do médium ou os protetores espirituais da reunião mediúnica, sobre o que está acontecendo em casos semelhantes, tomados os devidos cuidados para não se deixar envolver em uma mistificação, pode, em muitas situações, ser uma atitude recomendável.

E aqui cabe um alerta aos que se incumbem da tarefa de dialogar, deve-se fazer com que suas palavras estejam calcadas em vibrações de amor, não procurem agir como juiz e nem como carrasco de ninguém.

A magnetização mental é feita quando não se pode dar o passe com a presença do paciente, que, entendemos fazer parte do processo de cura.

Em junho de 1864, Allan Kardec publicou o relatório que lhe foi enviado pelo Sr. Dombre, fazendo comentário sobre ele, do qual transcrevemos:

O Sr. Dombre, de Marmande, nos transmitiu o relatório circunstanciado dessa cura da qual já conversamos com nossos leitores; os detalhes que ele encerra são do mais alto interesse no duplo ponto de vista dos fatos e da instrução. **É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível.**

Fui advertido, disse o Sr. Dombre em sua narração, por um dos membros de nossa sociedade Espírita, das **crises violentas** que experimentava, cada tarde regularmente **há oito**

meses, a chamada Thérèse B...; fui, acompanhado pelo Sr. L..., médium, em 11 de janeiro último, às quatro horas e meia, numa casa vizinha à da doente, para procurar ser testemunha da crise que, segundo o que havia ocorrido cada dia, deveria chegar às cinco horas. Encontramos lá a jovem e sua mãe, em conversa com os vizinhos. A meia hora logo decorreu; vimos, de repente, a jovem se levantar de sua cadeira, abrir a porta, atravessar a rua e entrar em sua casa seguida de sua mãe que a toma e a coloca habilmente sobre sua cama. **As convulsões começaram; seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava;** em uma palavra, fazia mal vê-la. O médium e eu entramos na casa vizinha, **perguntamos ao Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, se era uma obsessão ou um caso patológico.** O Espírito respondeu:

“Pobre criança! ela se acha com efeito, sob uma fatal influência, muito perigosa mesmo; vindes em sua ajuda. Renitente e mau, esse Espírito resistirá por muito tempo. **Evitai, tanto quanto isto esteja em vosso poder, deixá-la tratar por medicamentos que prejudicariam o organismo.** A causa é toda moral; tentai a evocação desse Espírito; moralizai-o com comedimento: nós vos secundaremos. Que todas as almas sinceras que conheceis **se reúnam para orar** e combater a grande influência perniciosa desse Espírito mau. Pobre pequena vítima de um ciúme! LOUIS DAVID.” ⁽²²⁾

Logo no início Allan Kardec diz *“É tudo, ao mesmo tempo, como se verá, um curso de ensino teórico e prático, um guia para os casos análogos, e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, em suas relações com o mundo visível”*.

Aos que não valorizam a *Revista Espírita* não terão como saber sobre esse *“curso de ensino teórico e prático”*, portanto, fica evidenciada a importância de estudá-la.

A descrição de como a jovem ficava a partir da influência obsessiva do Espírito - *“seu corpo se dobrava; a cabeça tendia a se juntar aos calcanhares; seu peito se inchava”* -, nos leva a pensar que se trata de uma possessão.

Algo que na atualidade devemos evitar acontecer é quanto a recomendar ao paciente retirar algum medicamento, que porventura esteja usando. Caso isso ocorra, devemos orientá-lo ou aos familiares, conforme a situação, a procurar de um médico, ele, sim, é que poderá suspender os medicamentos.

Esse procedimento, evitará ao médium o dissabor de ser acusado de exercício ilegal da medicina. A direção das instituições espíritas deve ficar a postos, pois, por tabela, também elas poderão ser processadas.

P. – Sob que nome chamaremos esse Espírito?
– R. Jules.

Evoquei-o imediatamente. **O Espírito se apresentou de maneira violenta**, injuriando-nos, rasgando o papel, e se recusando a responder a certas interpelações. Enquanto nos entretínhamos com esse Espírito, o Sr. B..., médico, que tinha ido examinar a crise, chegou junto a nós e nos disse com um certo espanto: **“É singular! a criança cessou, de repente, de se torcer; está agora estendida sem movimento em sua cama. - Isso não me espanta, disse-lhe, porque o Espírito obsessivo, neste momento, está junto de nós.”** Convidei o Sr. B... a retornar para a doente, e continuamos a interpelar o Espírito que, no momento dado, não respondeu mais. **O guia do médium nos informou** que ele tinha ido continuar sua obra; **recomendou-nos de não mais evocá-lo durante as crises, no interesse da criança**, porque, retornando junto dela com mais raiva, torturá-la-ia de maneira mais aguda. No mesmo instante, o médico reentrou e nos informou que a crise acabava de começar mais forte do que nunca. Eu lhe fiz ler o conselho que vinha de nos ser dado, e permanecemos todos tocados por

essas coincidências, que não podiam deixar nenhuma dúvida sobre a causa do mal.

A partir dessa noite, e **sob a recomendação dos bons Espíritos** que nos assistem em nossos trabalhos espíritas, **nos reunimos cada noite**, até a cura completa.

No mesmo dia, 11 de janeiro, recebemos a comunicação seguinte do Espírito protetor de nosso grupo:

“Guardião vigilante da infância infeliz, venho me associar aos vossos trabalhos, unir meus esforços aos vossos para livrar essa jovem dos constrangimentos cruéis de um mau Espírito. O remédio está em vossas mãos; velai, evocai e pedi sem jamais vos deixar cansar, até a completa cura.

PEQUENA CÁRITA.”

Esse Espírito, que toma o nome de Pequena Cárita, é o de uma jovem que conheci, morta na flor da idade, e que, desde sua terna infância, tinha dado as provas do caráter mais angélico e de uma bondade rara. ⁽²³⁾

A evocação é procedimento claro, a nosso ver, não há nenhum motivo que impeça de se fazê-la. Aliás, nos casos de obsessão não vemos como ser diferente.

A assistência dos guias para melhor conduzir o processo de libertação dos envolvidos – obsessores e

vítima, é feita de forma natural. Mas uma ideia nos surgiu quanto à necessidade de avaliarmos bem quem nos assiste, pois pode ser somente um Espírito bom, podendo lhe faltar sabedoria - experiência e conhecimento.

No meio espírita é comum estabelecer que médiuns só podem participar de uma reunião mediúnica por semana, mas, nesse caso que estamos acompanhando, fizeram reuniões durante cinco dias seguidos.

Uma das orientações da Pequena Cárita, em 12 de janeiro:

Esta obsessão, toda física de início, será, eu o creio, seguida de alguma obsessão moral, mas sem perigo. Vereis logo momentos de alegria no meio dessas torturas exercidas por esse mau Espírito: Reconhecereis ali a presença e a mão dos bons Espíritos. Se as torturas duram ainda, notareis, depois da crise, a paralisação completa do corpo, e, depois dessa paralisação, uma alegria serena e um êxtase que abrandarão a dor da obsessão. ⁽²⁴⁾

O nosso entendimento de que se trata de uma

possessão se deve a afirmação de que *“Esta obsessão, toda física de início”* e do relato do que o Espírito, provocava no corpo da jovem nos momentos de *“crise”*.

Em 18 de fevereiro, a Pequena Cárita deu a seguinte instrução:

“Meus bons amigos, bani todo o medo; a obsessão está acabada e bem-acabada; uma ordem de coisas estranhas para vós, mas que vos parecerão logo muito naturais, seja talvez a consequência dessa obsessão, mas não a obra de Jules. Alguns desenvolvimentos são necessários aqui como ensinamento.

“A obsessão ou a subjugação do ser material se apresenta aos vossos olhos, hoje que conheceis a Doutrina, não como um fenômeno sobrenatural, mas simplesmente com um caráter diferente das doenças orgânicas.

“O Espírito que subjuga penetra o perispírito do ser sobre o qual quer agir. O perispírito do obsidiado recebe como um envoltório o corpo fluídico do Espírito estranho, e, por esse meio, é atingido em todo o seu ser; o corpo material sente a pressão sobre ele de maneira indireta.

“Pareceu espantoso que a alma pudesse agir fisicamente sobre a matéria animada; é ela, no entanto, que é a autora de todos esses fatos. Tem por atributos a inteligência e a vontade; por sua

vontade ela dirige, e **o perispírito, de maneira semimaterial, é o instrumento do qual ela se serve.**

“O mal físico é aparente, mas a combinação fluídica que vossos sentidos não podem perceber esconde um número infinito de mistérios, que se revelarão com o progresso da Doutrina considerada do ponto de vista científico.

“Quando o Espírito abandona sua vítima, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a marca que recebeu o perispírito pelo fluido estranho do qual foi carregado, não se apaga de repente, e continua ainda algum tempo a influir sobre o organismo. No caso de vossa jovem doente: tristezas, lágrimas, apatia, insônias, perturbações vagas, tais são os efeitos que poderão produzir em seguida a essa libertação, mas tranquilizai-vos, tranquilizai a criança e sua família, porque essas consequências serão para ela sem perigo.

“Meu dever me chama de maneira especial a conduzir a bom fim o trabalho que comecei convosco; é preciso agora agir sobre o próprio Espírito da criança, por uma doce e salutar influência moralizadora.

“Quanto a vós, meus amigos, continuai a pedir e a observar atentamente todos esses fenômenos; estudai sem cessar; o campo está aberto, é vasto. Fazei conhecer e compreender todas estas coisas, e as ideias espíritas se introduzirão pouco a pouco no espírito de vossos irmãos, que o aparecimento da Doutrina encontrou incrédulos ou indiferentes.

PEQUENA CÁRITA.” (25)

Eis um ponto sobre o qual, pelo que já pesquisamos ⁽²⁶⁾ e não concordamos; não há uma espécie de sobreposição, vamos assim dizer, do perispírito do Espírito sobre o da vítima, mas, sim, afastamento do perispírito do obsidiado, que possibilita ao obsessor assenhorear-se do corpo dele.

Assenhorear-se aqui é bem no sentido de entrar no corpo do obsidiado, por um período de tempo, porquanto essa posse é temporária.

Para que não paire dúvida alguma, um pouco mais à frente citaremos um trecho de *A Gênese*, cap. XIV, item 47, que comprovará isso que estamos dizendo.

Na ***Revista Espírita 1864***, mês de agosto, Allan Kardec publicou o artigo “Novos detalhes sobre os possessos de Morzine” ⁽²⁷⁾, cujo parágrafo final tem o seguinte teor:

Para todos **os casos de obsessão, de possessão** e de manifestações desagradáveis quaisquer, chamamos a atenção sobre o que está dito a este respeito em *O Livro dos Médiuns*, cap. da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzine e lembrados acima; sobre nossos artigos

no mês de fevereiro, março e junho de 1864, **relativos à jovem obsedada de Marmande**; enfim, sobre os nºs 325 a 335 de *A Imitação do Evangelho*. Encontrar-se-ão ali as instruções necessárias para se guiar nas circunstâncias análogas. ⁽²⁸⁾

A partir de dezembro de 1863, com o caso Srta. Julie ⁽²⁹⁾, Allan Kardec passou a aceitar a realidade da posse física, portanto, o termo *possessão*, aqui empregado, deve ter visto sob essa nova ótica.

Observamos que o Codificador cita esse caso da jovem de Marmande como um exemplo.

Cura de obsessão - 2º caso

Este novo caso está relatado na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, no artigo “Nova cura de uma jovem obsidiada de Marmande”. Dessa carta do Sr. Dombre, destacamos o seguinte:

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarto da cidade, as



crises convulsivas experimentadas por **uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos**. Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, **eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama. Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos**. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam

um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. **Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes**, e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões.

Os recursos da arte não lhe faltaram; **quatro médicos a viram sucessivamente**; porções de éter, pílulas, medicamento de toda natureza, ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás da orelha, os vesicatórios nas coxas não lhe foram poupados, **mas sem sucesso**. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; **depois das crises, a menor lembrança de seus sofrimentos, de suas convulsões**, mas muita admiração de ver a casa cheia de gente, e sua cama cercada de homens sem fôlego, dos quais alguns tinham a lamentar uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X..... paróquia situada a dois ou três quilômetros de Marmande, gozava na região de uma celebridade nascente, entre um certo povo, como curador de todas as espécies de males, foi consultado pelo pai da jovem. **O cura, sem se explicar sobre a natureza do mal, lhe deu gratuitamente um pouco de pó branco para fazer a doente tomar; ofereceu-lhe em seguida para dizer uma missa**. Mas, ah! Nem o pó nem a missa preservaram a jovem Valentine de **catorze crises que ela teve no dia seguinte**, o que jamais lhe tinha acontecido.

Tanto insucesso nos cuidados de todas as espécies, necessariamente, deveram fazer nascer

no espírito do vulgo ideias supersticiosas. As comadres, com efeito, falaram altamente de malefício, de sortilégio lançado sobre a criança.

Durante esse tempo, **consultamos no silêncio da intimidade nossos guias espirituais sobre a natureza dessa doença**, e eis o que nos responderam:

“É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará frequentemente de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamaí Germaine.”

[...] Essa primeira sessão teve lugar em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a instrução seguinte:

“Levai muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tereis negócio com o Espírito mistificador que junta a astúcia, a habilidade hipócrita a um caráter muito mau. **Não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim.** [...].⁽³⁰⁾

O objetivo da evocação de Espíritos obsessores fica evidente quando os guias dizem *“não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim”*, portanto, há o fim nobre que não é somente o de libertar o obsidiado, mas também o da moralização daquele(s) que exerce(m) ação sobre ele.

Como uma adolescente de treze anos agiu com *“uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama. Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos”*.

Situação semelhante aconteceu com os possessos de Morzine, conforme relatado na **Revista Espírita 1864**:

“Os possessos, em número em torno de setenta, com um único jovem, juravam, rugiam, saltando em todos os sentidos; isso durou várias horas, e quando o prelado quis proceder à confirmação, sua fúria redobrou, se é possível; deveu-se arrastá-los junto ao altar; sete, oito homens deveram várias vezes reunir seus esforços para vencer a resistência de algumas; os soldados lhes deram mão forte. O bispo deveria partir às quatro horas; às sete da noite ele estava ainda na igreja, onde não se lhe podia conseguir mais lhe conduzir três doentes; chegou-se a lhe arrastar duas ofegantes, a espuma à boca, a blasfêmia nos lábios até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; o bispo, batido pela fadiga e emoção, deveu renunciar a lhe impor as mãos; saiu da igreja, tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas dos possessos enquanto que se

debatiam sob sua bênção.” (31)

Julgamos que para conseguir essa “força descomunal” a ponto de ser preciso, não dois, mas vários braços para contenção da vítima, é necessário que o obsessor possa dominar completamente o corpo dela, o que, diante de nossa experiência em tais casos, só ocorre pela possessão, no sentido literal.

Em **A Gênese**, cap. XIV, item 47, lemos:

Na possessão, **em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio**, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, pois que isso só se pode dar pela morte. [...].

De posse momentânea do corpo do encarnado, o Espírito se serve dele como se fora seu próprio corpo; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com seus braços como o faria se estivesse vivo. [...]. (32)

É, caro leitor, nessa obra, quase desconhecida por muitos confrades, Allan Kardec deixou consignada a sua mudança de pensamento sobre a

posse física, mas poucos se atentam para esse fato.

Mais uma vez vemos os guias serem consultados, no caso queriam saber o que acometia a jovem.

Ver a impotência dos médicos e dos padres em resolver as obsessões, reforça a nossa convicção de que somente pela orientação exarada da Codificação se consegue êxito na resolução, se não de todas, mas, sem dúvida, na grande maioria delas.

Também nesse novo caso foram realizadas evocações do Espírito obsessor, cujo nome era Germaine.

Relata o Sr. Dombre:

No dia seguinte, 17 de setembro, fui pela primeira vez àquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito; fui servido a gosto. **Valentine estava em crise**; entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitaram na casa.

Vi estendida sobre uma cama uma jovem magnífica, robusta para sua idade, e **contida por oito ou dez braços vigorosos**, assim como o descrevi mais acima. Só a cabeça estava livre, se agitando em todos os sentidos a sua cabeleira

desenrolada. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e sobretudo ameaçadores. **O olhar era completamente perdido** e as duas pupilas, das quais não se via senão a borda, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz. Ajuntai a isto **uma espécie de grito selvagem**, e julgai o quadro.

Observei um instante a força dos abalos, e me inclinando para o rosto da criança, **pousei minha mão esquerda sobre a sua frente e minha mão direita sobre seu peito; instantaneamente os movimentos e os esforços convulsivos cessaram, e a cabeça se colocou calma sobre o travesseiro.** Dirigi os dedos da mão direita sobre a boca que afiz nela roçar, e logo o sorriso retornou sobre seus lábios; suas duas grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; a essa figura satânica sucedeu o rosto mais gracioso.

A criança manifestou seu espanto de ver tantas pessoas ao seu redor, em dizendo que ela não estava doente; era sempre suas primeiras palavras depois das crises. Elevei minha alma a Deus, e senti sobre minhas pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e de reconhecimento. ⁽³³⁾

Aqui temos a prova cabal de que o passe pode fazer efeito, muitas vezes o que falta a nós é confiança ou orientação para aplicá-lo em casos de obsessão.

Vejamos agora um trecho de uma explicação de Allan Kardec, a respeito do questionamento de Germaine, quanto ao não lhe terem dito mais cedo o que lhe estavam esclarecendo nas reuniões:

Este último raciocínio do Espírito é o resultado da superexcitação em que se encontra, mas vem de pôr uma questão que tem a sua importância. “Por que, disse ele, no mundo onde estou, não se me falou como vós o fazeis?” Pela razão de que a ignorância do futuro, momentaneamente, faz parte do castigo de certos culpados; não é senão quando seu endurecimento é vencido pela lassidão que se lhe faz entrever um raio de esperança como alívio de suas penas; é preciso que seja voluntariamente que voltem seus olhares para Deus. **Mas os bons Espíritos não os abandonam**; eles se esforçam por lhes inspirar bons pensamentos; espiam os menores sinais de progresso e, desde que vejam despontar neles o germe do arrependimento, provocam as instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. Essas instruções lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; podem também sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível. No caso de que se trata, era útil para a reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte daqueles que tinham a se lamentar dela, e que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. **Tal é a razão pela qual a intervenção dos homens é com frequência requerida para a melhoria e o alívio dos**

Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. A dos bons Espíritos, seguramente, basta, mas **a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é, para eles mesmos, um meio de adiantamento que Deus lhes reservou.** ⁽³⁴⁾

Fica claro que Deus não abandona ninguém, nem mesmos aos Espíritos que agem em desfavor de outros, pois, como dito, *“os bons Espíritos não os abandonam; eles se esforçam para lhes inspirar bons pensamentos”*.

Vemos que Allan Kardec informa que a tarefa de ajudar os Espíritos sofredores é nossa. O que também pode ser confirmado em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXIII – Obsessão, item 254, onde se lê:

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

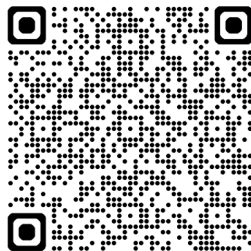
“Sim, mas é o que não se faz e é o que não se deve descurar de fazer, porquanto, muitas vezes, **isso constitui uma tarefa que vos é dada e que deveis desempenhar caridosa e religiosamente.** Por meio de sábios conselhos, é possível induzi-los ao arrependimento e apressa-lhes o progresso.” ⁽³⁵⁾

A quem se interessar por esse tema recomendamos o nosso ebook

Reuniões Mediúnicas de Desobsessão (Doutrinação ou Esclarecimento de Espíritos),

disponível em nosso site:

<https://paulosnetos.net> ⁽³⁶⁾.



Na **Revista Espírita 1865**, mês maio, Allan Kardec publicou uma carta do Sr. Delanne, datada de 2 de abril, em que cita o Sr. Dombre. Dela transcreveremos o início:

Caríssimo mestre, revi nossos irmãos de Barcelona; lá, como na França, a Doutrina se propaga, os adeptos são zelosos e fervorosos. **Num grupo que visitei, vi os dignos incentivos desse caro Sr. Dombre, de Marmande.** Constatei a completa cura de **uma senhora atingida por uma obsessão terrível que datava de quinze anos**, pelo menos, bem antes que se tivesse falado dos Espíritos. **Médicos, sacerdotes, exorcismos, tudo havia sido inutilmente empregado;** hoje essa mãe de família foi devolvida aos seus, que não cessam de dar graças a Deus por uma tão miraculosa cura. **Dois meses bastaram para obter esse resultado, tanto pela evocação do obsessor quanto pela influência de preces coletivas e simpática.**

Numa outra sessão, fez-se **a evocação do Espírito que obsidiava, há dez anos**, um operário chamado Joseph, agora em vias de cura. Jamais fiquei tão penosamente emocionado quanto em presença das dores do paciente no momento da evocação; calmo de início, **foi tomado de repente de sobressaltos, de espasmos e de tremores nervosos**; assim tomado por seu inimigo invisível e **se agitou em convulsões terríveis**; o peito se enche, sufoca, depois, retomando sua respiração, **se contorce como uma serpente, rola na terra, se levanta de um pulo, se bate na cabeça**. Não pronunciava senão palavras entrecortadas, sobretudo a palavra: *Não! não!* O médium, que é uma senhora, estava em prece; ela tomou a pena, e eis que o invisível deixando sua presa por um instante, **se apoderou de sua mão, e o teria assassinado se o deixasse fazê-lo**.

Depois de quinze dias que se evocou esse Espírito da pior espécie, jamais quis dizer o motivo de sua vingança; pressionado por mim com perguntas, nos confessou, enfim, que esse Joseph lhe tinha arrebatado aquela que ele ama. Fizemo-lo compreender que se quisesse não atormentar mais Joseph, e testemunhasse o menor sinal de arrependimento, Deus lhe permitiria revê-la. - Por ela, disse ele, farei tudo. - Pois bem! dizei: Meu Deus, perdoai a mim as minhas faltas. - Depois de hesitar, ele nos disse: "Vou tentar; mas cuidado com ele se não ma fizerdes vê-la!" e escreveu: "Meu Deus, perdoai-me as minhas faltas." O momento era crítico; que iria advir? Consultamos os guias que disseram: tendes a chave para conduzi-lo a vós. Ele verá aquela que ama mais

tarde; nada temais; é uma confissão da qual deveis aproveitar para conduzi-lo ao bem. Depois desta cena, Joseph, esgotado como um lutador, extenuado de cansaço, **se ressentido da terrível possessão de seu inimigo invisível**. O Sr. B..., **operando então passes magnéticos enérgicos, acabou por acalmá-lo completamente**. Deus quer que esta cura seja tão estrepitosa quanto a precedente.

Eis no que se aplicam esses caros irmãos! Que energia, que convicção, que coragem não é preciso para fazer semelhantes curas! Somente a fé, a esperança e sobretudo a caridade podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar tão temerariamente uma matilha de tão terríveis adversários. Saí cansado! ⁽³⁷⁾

Em junho, há um detalhamento do caso. Dele tomamos este trecho:

Casada em 1850, Rose N... foi acometida, poucos dias após o casamento, de **ataques espasmódicos**, que se repetiam com muita frequência e com violência, até engravidar. Durante sua gravidez nada experimentou, mas, depois do parto, os mesmos acidentes se renovaram; **muitas vezes as crises duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia toda sorte de extravagâncias e eram precisas três ou quatro pessoas para dominá-la**. Entre os médicos chamados, uns diziam que era uma doença

nervosa; outros, que era loucura. O mesmo sintoma se repetia em cada gravidez, isto é, os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam após o parto.

Isso já durava há vários anos. **O pobre casal estava cansado de consultar a uns e outros e a fazer uso de remédios que não davam o menor resultado.** Essa gente simples estava no limite da paciência e dos recursos, pois, algumas vezes, a mulher ficava meses inteiros sem poder dedicar-se aos trabalhos domésticos. Por vezes, sentia ligeira melhora, que fazia supor uma cura, mas, após algumas semanas de trégua, o mal reaparecia com terrível recrudescência.

Como algumas pessoas os persuadissem de que um mal tão rebelde deveria ser obra do demônio, eles **recorreram aos exorcismos** e a paciente se dirigiu a um santuário distante vinte léguas, de onde voltou aparentemente tranquila; mas, ao cabo de alguns dias o mal voltou com nova intensidade. Ela partiu para outro retiro, onde permaneceu quatro meses, durante os quais ficou tão tranquila que a julgaram curada. Voltou, então, à sua família, alegre por se ver, enfim, livre da cruel doença; contudo, após algumas semanas, suas esperanças novamente foram por água a baixo, já que os acessos voltaram com mais força que nunca. Marido e mulher estavam desesperados.

(³⁸)

Observa-se grande semelhança com os dois casos anteriores ocorridos em Marmande.

Das explicações de Allan Kardec, ressaltamos o seguinte trecho:

O fato acima apresenta um caso particular, é o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a ciência o explique, se o pode; eis a razão que disso dá o Espiritismo. O doente não tinha nenhuma loucura, nem uma afecção nervosa; a cura lhe é a prova: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permite para servir de prova e expiação à mãe e, além disto, porque, mais tarde, a cura desta deveria levar à melhoria do Espírito. Mas as crises, durante a gravidez, podiam prejudicar a criança; **Deus consentiu que a mãe fosse punida do mal que havia podido fazer, mas não queria que o ser inocente que ela carregava, com isso sofresse;** foi por isto que toda liberdade de ação foi tirada, durante esse tempo, aos seus perseguidores. ⁽³⁹⁾

Na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, Allan Kardec publica nova carta do Sr. Dombre, escrita em 12 de maio, em que, no início ele confessa “[...] *A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias*” ⁽⁴⁰⁾. Os fluidos a que se refere, conforme o contexto, são os que se originam dos passes.

O Sr. Dombre elenca alguns exemplos de cura; destacaremos os relacionados a obsessão que é o nosso tema:

“As curas de algumas obsessões não nos deram menos satisfação e confiança. **Marie B..., jovem de 21 anos**, de Samazan, perto de Marmande, **se punha nua como um verme, corria pelos campos, e ia se deitar ao lado de um cão** num buraco de palha. **A moralização do obsessor de nossa parte, e os passes fluidicos feitos pelo marido, segundo nossas instruções, logo a libertaram.** Toda a comuna de Samazan foi testemunha da **impotência da medicina em curá-la**, e da eficácia do meio simples empregado para conduzi-la ao estado normal.

“**A senhora D..., com a idade de 22 anos**, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, **caía em crises extraordinárias e violentas; ela rugia, mordia, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desmaiava, e, frequentemente, ficava quatro ou cinco horas sem conhecimento**; uma vez ela ficou oito dias sem recobrar sua lucidez. O Sr. doutor T... tinha-lhe em vão dado seus cuidados. O marido, ao cabo de cursos junto das pessoas da arte, dos padres de nossa região, reputados curadores exorcistas, adivinhos, porque confessou tê-los consultado, se dirige a nós com o pedido de consentirmos nos ocupar de sua mulher se, como lhe foi reputado, estava em nosso poder curá-la. Prometemos escrever-lhe para lhe indicar o que deveria fazer.

“Nossos guias nos disseram: Que cesse todo tratamento médico: os remédios seriam inúteis; que o marido elevasse sua alma a Deus, **que impusesse as mãos sobre a fronte de sua mulher e lhe fizesse passes fluídicos com amor e confiança;** que observasse pontualmente as recomendações que iríamos fazer-lhe, embora qualquer contrariedade que disso possa sentir (seguem essas recomendações que são todas pessoais), e se compenetre bem da ideia de que são necessárias ao proveito de sua pobre aflita, ele terá logo a sua recompensa.

“Disseram-nos também para chamar e moralizar o Espírito obsessor, sob o nome de Lucie Cédar. Este Espírito revela a causa que o levava a atormentara Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Este último estando conforme com tudo, teve a satisfação de ver sua mulher **completamente livre, no espaço de dez dias.** Ele me disse: Uma vez que os Espíritos se comunicam, não me admiro que tenham vos dito que não era conhecido de mim, mas estou bem mais admirado de que nenhum remédio tenha podido curar minha mulher; se estivesse me dirigido a vós desde o início, teria 150 fr. em meu bolso, que ali não estão mais, e que despendi em medicamentos.”⁽⁴¹⁾

Mantém-se, portanto, o mesmo procedimento quanto a evocação do obsessor e relativa a aplicação de passe na vítima.

Todas as pessoas mencionadas que sofriam essas obsessões graves eram tomadas à conta de loucas, alienadas mentais.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de fevereiro, no artigo “Curas de obsessões”, se fala exatamente disso. Ao iniciá-lo, Allan Kardec publica uma carta recebida de Cazéres, em 7 de janeiro de 1866, que dá notícia de uma jovem de 22 anos que “*foi de repente vítima de acessos de loucura*”, os pais seguindo conselho dos médicos a internaram em uma casa de alienados.

Consultados os guias, estes informaram se tratar de obsessão. O Espírito obsessor foi evocado durante oito dias seguidos, após os quais deixou de assediar a doente, que, em razão disso se curou. Allan Kardec comenta:

Este fato, entre mil, é uma nova prova da existência da *loucura obsessional*, cuja causa é diferente daquela da loucura patológica, e diante da qual a ciência fracassará enquanto se obstinar a negar o elemento espiritual e sua influência sobre o organismo. O caso aqui é bem evidente: eis uma jovem apresentando de tal modo os caracteres da loucura, que os médicos a desprezaram, e

que está curada, a várias léguas de distância, por pessoas que jamais a viram, sem nenhum medicamento nem tratamento médico, e unicamente pela moralização do Espírito obsessor. Há, pois, Espíritos obsessores cuja ação pode ser perniciosa para a razão e a saúde. Não é certo que se a loucura tivesse sido ocasionada por uma lesão orgânica qualquer, esse meio teria sido impotente? Se se objetasse que essa cura espontânea pode ser devida a uma causa fortuita, responderíamos que se não tivesse a citar senão um único fato, sem dúvida, seria temerário disso deduzir a afirmação de um princípio tão importante, mas os exemplos de curas semelhantes são muito numerosos; não são o privilégio de um indivíduo, e se repetem todos os dias em diversas regiões, sinais indubitáveis de que repousam sobre uma lei natural.

Citamos várias curas deste gênero, notadamente nos meses de fevereiro de 1864 e janeiro de 1865, que contêm duas relações completas eminentemente instrutivas. [...]. ⁽⁴²⁾
(itálico do original)

As curas aqui mencionadas são exatamente aquelas dos dois casos que citamos de Marmande. Continuando a transcrição:

Numa aldeia, a algumas léguas dessa cidade, tinha **um camponês atacado de uma loucura de tal modo furiosa, que perseguia as pessoas a**

golpes de forcado para matá-las, e que na falta de pessoas, atacava os animais do galinheiro. **Ele corria sem cessar pelos campos e não voltava mais para sua casa**. Sua presença era perigosa; assim, **obteve-se sem dificuldade a autorização de interná-lo na casa dos alienados** de Cadillac. Não foi sem um vivo desgosto que a sua família se viu forçada a tomar essa decisão. Antes de levá-lo, um de seus parentes tendo ouvido falar das curas obtidas em Marmande, em casos semelhantes, veio procurar o Sr. Dombre [...]. (43)

Observe, caro leitor, que o grupo de Marmande, com a mesma técnica que utilizava em tais casos, gastou apenas oito dias para conseguir a cura desse camponês visto como atacado de loucura.

Allan Kardec também tece comentários sobre esse caso, deles ressaltamos o seguinte trecho:

Os casos de obsessão são de tal modo frequentes que não há nenhum exagero em dizer que nas casas de alienados há **mais da metade deles que não têm senão a aparência da loucura**, e sobre os quais a medicação comum é, por isto mesmo, impotente.

O Espiritismo nos mostra na obsessão uma das causas perturbadoras do organismo, e nos dá, ao

mesmo tempo, os meios de remediá-la: aí está um de seus benefícios. **Mas como essa causa pode ser reconhecida se não for pelas evocações? As evocações, são, pois, boas para alguma coisa, o que quer que digam delas seus detratores.** ⁽⁴⁴⁾

Na sua obra **Novos Rumos à Medicina**, Dr. Inácio Ferreira (1904-1988), apresenta a demografia sanitária do período de 1934 a 1944, do Sanatório Espírita de Uberaba, do qual era diretor, os seguintes resultados:

41% curados;
25% falecidos;
16% melhorados;
12% transferidos;
4% em tratamento; e
2% retirados. ⁽⁴⁵⁾

Demonstrando que a estimativa do Codificador estava dentro da realidade.

Pode-se observar que Allan Kardec era favorável à evocação, aliás, não via como ajudar as vítimas sem que isso fosse feito.

Conclusão

Em relação a ação dos Espíritos superiores, vejamos, por oportuno, na *Revista Espírita 1865*, esta fala de Allan Kardec:

Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores, que é preciso conduzir ao bem; mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, deixam-lhes a iniciativa e o mérito, sob a condição de secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos. ⁽⁴⁶⁾

Portanto, os Espíritos superiores não estão indiferente e inativos, trabalham a favor dos Espíritos sofredores tentando conduzi-los ao caminho do bem, deixando, contudo, a nós, encarnados, uma participação nesse nobre trabalho.

Diante de tudo que foi colocado, podemos concluir que esses procedimentos - evocação do obsessor, oração para os envolvidos na trama e passe na vítima - deveriam ser observados em todas

as instituições espíritas, especialmente, porque os resultados positivos foram confirmados.

Cabe a todos nós vinculados ao movimento espírita analisar as nossas atuais práticas nas reuniões ditas de desobsessão, para ver se estariam conforme o que aqui foi visto.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA - Edição Pastoral.** 43ª impressão.
São Paulo: Paulus, 2001.
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 5.** São Paulo: Candeia, 1995.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1.** São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 3.** São Paulo: Hagnos, 2005.
- FERREIRA, I. **Novos Rumos à Medicina, 1º Vol.** São Paulo: FEESP, 1990.
- KARDEC, A. **A Gênese.** Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno.** Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo.** Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns.** Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo.** Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1862.** Araras (SP): IDE, 1993.

- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864** (pdf). Brasília: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** (pdf). Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.
- PIRES, J. H. **Na Hora do Testemunho**. São Paulo: Paideia, 1978.

Internet:

- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados**, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espíritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>. Acesso em: 26 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. **Reuniões Mediúnicas de Desobsessão (Doutrinação ou Esclarecimento de Espíritos)**, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/reunioes-de-desobsessao-momento-de-acolher-de-espíritos-em-desarmonia-ebook>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Imagens:

Capa: Obsessores, disponível em:

<https://albertomacorano.com.br/wp-content/uploads/2018/01/obsessores-346x357.png>. Acesso em: 08 mai. 2020.

A mulher possui: <https://static.independent.co.uk/s3fs-public/thumbnails/image/2015/04/14/20/Exorcism.jpg?w968h681>. Acesso em: 08 mai. 2020.

Possesso de Gerasa:

<https://rsanzcarrera2.files.wordpress.com/2017/07/endiado-de-gerasa-william-hole-s-xix.jpg>. Acesso em: 24 out. 2022.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 *Bíblia Sagrada - Pastoral*, p. 1323.
- 2 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo - Vol. 1*, p. 694-695.
- 3 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo - Vol. 3*, p. 250.
- 4 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia - Vol. 5*, p. 342-343.
- 5 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 53.
- 6 PIRES, *Na Hora do Testemunho*, p. 19.
- 7 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 14.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 303.
- 9 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 341.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 11 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 373.
- 12 KARDEC, *A Gênese*, p. 308.
- 13 N.T.: Exemplos de cura de obsessões e de possessões: *Revista Espírita - dezembro de 1863; janeiro de 1864; janeiro e junho de 1865; fevereiro de 1866; junho de 1867.*
- 14 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 273.
- 15 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 113-114.
- 16 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 176-177.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 121.
- 18 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 286.
- 19 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 286.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 26-28.
- 21 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, FEB, p. 69-70.
- 22 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 168-169.
- 23 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 169-170.
- 24 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 170.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 177-178.

- 26 SILVA NETO SOBRINHO, *Possessão: Espíritos Possuindo Fisicamente os Encarnados*, link: <https://paulosnetos.net/article/possecao-espíritos-possuindo-fisicamente-os-encarnados-ebook>
- 27 O termo correto é Morzine, sem “s”, conforme consta em <https://fr.wikipedia.org/wiki/Morzine>.
- 28 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 232.
- 29 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-377.
- 30 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 6-7.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 227.
- 32 KARDEC, *A Gênese*, p. 309-310.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 9.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 13-14.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 333-334.
- 36 SILVA NETO SOBRINHO, *Reuniões Mediúnicas de Desobsessão (Doutrinação ou Esclarecimento de Espíritos)*, link: <https://paulosnetos.net/article/reunioes-de-desobsessao-momento-de-acolher-de-espíritos-em-desarmonia-ebook>
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 143-144.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, FEB, p. 236-237.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 179.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 174.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 175-176.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 39-40.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 40.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 41.
- 45 FERREIRA, *Novos Rumos à Medicina*, 1º Vol., p. 206.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 18.